



RESENHA

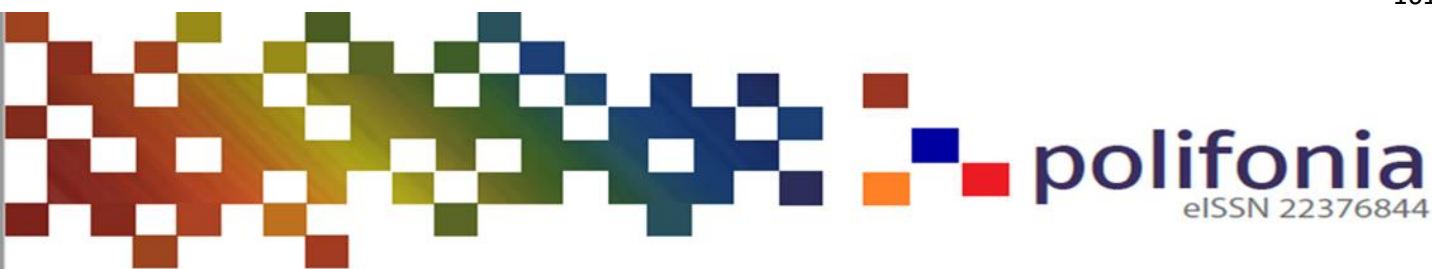
Gênero e neo-orientalismo em autobiografias de mulheres muçulmanas

BASTOS, Laísa Marra de Paula Cunha. *Fetichismo neo-orientalista – o problema da autorrepresentação do subalterno e as autobiografias muçulmanas*. Goiânia: EdUFG, 2016.

Karoline Pontes Feltrin
Nathalya Karolline Vasconcelos de Souza
Fernando Zolin-Vesz
Universidade Federal de Mato Grosso

No livro *Fetichismo neo-orientalista: o problema da autorrepresentação do subalterno e as autobiografias de mulheres muçulmanas* – resultado da pesquisa de mestrado de Laísa Marra de Paula Cunha Bastos, defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás –, a autora disserta sobre como as autobiografias de mulheres muçulmanas estão situadas em determinado contexto geopolítico e cultural. Para isso, Bastos (2016) analisa as obras *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã* (YOUSAFZAI, 2013), *Infidel: a história de uma mulher que desafiou o Islã* (ALI, 2009) e *Princesa: a história real da vida das mulheres árabes por trás de seus negros véus* (SASSON, 2005) na tentativa de compreender elementos que parecem se repetir nessas autobiografias. O intuito da autora é, portanto, examinar as razões do interesse editorial pelas mulheres muçulmanas, sempre rotuladas como oprimidas, tendo em vista o imaginário neo-orientalista presente nas sociedades ocidentais.

A obra supramencionada possui três capítulos. O primeiro, denominado “Geopolítica e autobiografias”, trata da universalização da representação de mulheres muçulmanas pelo Ocidente, além de questões que envolvem coautoria. O segundo, intitulado “A verdade (auto)biográfica”, analisa o que a autora denomina pacto autobiográfico, além da predileção pelo gênero confessional, que se relaciona à coautoria e à elevada expressividade desses livros no mercado editorial. O terceiro – “A indústria cultural das narrativas de vida” – aponta para Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.44, p. 01-357, out.-dez., 2019.



os principais componentes responsáveis pela modificação das histórias de vida das mulheres muçulmanas em autobiografias, e como isso repercute no contexto da indústria cultural.

No capítulo inicial, a autora retrata, pelos vieses geopolítico e editorial, a semelhança entre as autobiografias analisadas, que se refere à concepção generalizada de opressão às mulheres muçulmanas, consideradas pelo Ocidente como vítimas de seus meios sociais. No âmbito geopolítico, esses livros ganham evidência, após o ataque de 11 de setembro de 2001, como mecanismo, principalmente estadunidense, de intensificar a soberania ocidental. De maneira análoga, no plano editorial, a questão da autonomia sobre as obras é extremamente relevante, pois são escritas em conjunto com autores não orientais, os quais constroem a representação do mundo muçulmano de modo a demonstrar uniformização entre as variadas culturas que compõem as sociedades orientais – apresentar todos indistintamente como terroristas, por exemplo. Conforme a autora, esses coautores geralmente generalizam e universalizam as histórias vividas pelas protagonistas das autobiografias de tal forma que leva o leitor a entender que todas as mulheres muçulmanas sentem-se oprimidas. Para Bastos, a união entre os fatores geopolítico e editorial tem proporcionado a venda de milhares de exemplares das autobiografias analisadas.

A abordagem do segundo capítulo enfatiza o conceito de pacto autobiográfico, entendido por Bastos como um acordo em que o autor se compromete a relatar a realidade em sua autobiografia e o leitor em confiar na legitimidade do que é narrado pelo autor. Conforme a autora, esse pacto pode ser tomado como responsável pela expressividade comercial, tornando as autobiografias de mulheres muçulmanas até mesmo um subgênero literário. A autora destaca ainda o papel dos coautores e dos escritores fantasmas, os quais, além de redigir os acontecimentos que julgam mais relevantes, baseando-se na narração oral realizada pela mulher muçulmana, trabalham para domesticar a narrativa de vida dessa mulher em termos compreensíveis e esperáveis pelo leitor ocidental. Além disso, Bastos compara as referidas obras com a ficção, pois não demonstram integralmente a vida da biografada, visto que cada pessoa carrega consigo uma diferente interpretação do mundo sobre valores políticos, religiosos, culturais etc.

No terceiro e derradeiro capítulo, a autora retoma a questão editorial, citada no capítulo um, com o propósito de especificar os modos de produção das autobiografias de



mulheres muçulmanas. Tal conjuntura, segundo Bastos, expõe os principais elementos que modificam a visão do leitor perante essas obras: a capa, a contracapa e as abas. Nas capas, enfatiza-se a veracidade dos relatos, além da dicotomia entre sensualidade e aprisionamento, por meio da imagem estampada. A contracapa tem por objetivo a reiteração dos elementos textuais e não textuais presentes na capa; ademais, a opressão à mulher muçulmana é, geralmente, mais destacada do que a vida da própria autobiografada. Igualmente, nas abas, sobressai o Ocidente por meio da desvalorização do Oriente, classificado como um local primitivo. Dessa forma, para a autora os elementos elencados podem padronizar determinadas concepções sobre as sociedades orientais, uma vez que as autobiografias são destinadas ao público ocidental, que se mostra curioso diante dos mistérios de um povo que considera retrógrado. Assim, Bastos observa que essa interpretação, explorada pela indústria cultural, chama a atenção do grande público, incrementando a venda dessas autobiografias.

À guisa de conclusão, a autora examina a imagem de mulheres muçulmanas, construída no/pelo Ocidente por intermédio de histórias de vida de diferentes conjunturas – uma princesa da Arábia Saudita (em *Princesa: a história real da vida das mulheres árabes por trás de seus negros véus*), uma garota do Paquistão (em *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*) e uma mulher da Somália (em *Infiel: a história de uma mulher que desafiou o Islã*) –, mas que aparentam ser muito semelhantes, pois buscam ressaltar a supremacia ocidental. A obra expõe questões políticas e editoriais que influenciam a sociedade ocidental a ler e a comprar essas autobiografias de mulheres muçulmanas, expondo aspectos da escrita autobiográfica e da indústria cultural. Trata-se, portanto, de um livro esclarecedor e de extrema relevância no atual momento histórico, em que muito se debate sobre gênero, enfatizando a complexidade de que tal assunto é constituído: tal cenário pode ser constatado, como salienta a autora, mediante o uso do hijab, o tão polêmico véu do Islã, que não necessariamente sintetiza um símbolo de opressão, pois muitas mulheres o vestem como forma de reafirmar suas crenças e suas escolhas.

Referências

ALI, A. H. *Infiel: a história de uma mulher que desafiou o islã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



SASSON, J. P. *Princesa: a história real da vida das mulheres árabes por trás de seus negros véus*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2005.

YOUSAFZAI, M. *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.